

CULTURA MATERIAL KARAJÁ: IDENTIDADE DE UM POVO

**Bruna Rodrigues Carneiro¹,
Poliene Bicalho dos Santos Soares²**

1 (Acadêmica de História/ UEG-CSEH).

2 (Prof^a. Dra./ UEG - CSEH).

Introdução

Essa proposta de trabalho visa identificar e analisar a arte e cultura material indígena da etnia Karajá, a partir da conceituação de arte indígena, que envolve os artesanatos, vestimentas, ornamentos, armas etc. Não é o objeto deste plano de trabalho realizar uma mera listagem destas concepções de arte, mais sim analisar as especificidades e a noções de arte para este povo. Para tanto, partimos da afirmação de Lagrou sobre o fato de que os indígenas são

[...] povos que não partilham nossa noção de arte. Não somente não têm palavra ou conceito equivalente aos de arte e estética de nossa tradição ocidental, como parecem representar, no que fazem e valorizam, o pólo contrário do fazer e pensar do Ocidente neste campo. (2009, p. 9)

Nesse sentido, traçamos como objetivo principal deste estudo a compreensão das artes indígenas e os valores a elas agregados pelos seus criadores.

Estudar a arte indígena a partir das concepções teóricas da cultura material remetemos a pensar sobre o conceito de arte e cultura material indígena. O mais sensato, porém, seria falar em artes indígenas, considerando a diversidade de expressões materiais da cultura e de povos. Nesse sentido, é válido ressaltar que “o fazer artístico indígena não recai exclusivamente sobre os ornatos de penas e as máscaras; objetos de uso cotidiano podem apresentar elaboração formal e estética que transcende seu desempenho funcional” (VAN VELTHEM, 2010, p. 59).

A cultura material indígena é bastante rica e diversa, cada etnia representa a sua singularidade na produção da cultura material, ou seja, é um equívoco se referir às manifestações artísticas indígenas apenas como “arte indígena” no singular, pois cada povo desenvolve um estilo próprio, e a referência as “artes indígenas” requer sempre a pluralidade para a correta identificação destas, pois apresentam tantas formas quantos são os povos que as produzem.

Na avaliação das artes indígenas, o olhar ocidental privilegia as categorias de maior impacto visual, como a plumária ou os objetos rituais, e não considera as demais produções. No entanto, o fazer artístico indígena não recai exclusivamente sobre os ornatos de penas e as máscaras; objetos de uso cotidiano podem apresentar elaboração formal e estética que transcende seu desempenho funcional (RIBEIRO, 1987, s/p).

A cultura material pode ser vista nos traços, símbolos e desenhos do artesanato em geral, nos diferentes trançados dos cestos de palha e nas construções de suas moradias e aldeias. Contudo, na sociedade ocidental, de modo geral, a arte é dissociada e independente das esferas da vida social; a "boa arte" não tem nenhuma outra função além da de ser arte, de suscitar reflexões e sensações, ou de provocar uma experiência estética.

No caso das manifestações artísticas indígenas há o contrário, pois se trata de uma arte apreendida na vivência, não uma especialidade apartada do resto da vida. Esses objetos se inserem no universo de um dado povo por suas funções pragmáticas, e, principalmente, por materializarem a cultura, ou seja, são manifestações concretas do imaterial. Na gênese desses objetos está a própria cosmologia do povo, apreendida na escolha dos materiais, no modo como são trabalhados ou na forma que lhes é dada; de tal modo que estão ligados aos símbolos de sua mitologia.

A produção de variados objetos da cultura indígena, como material, ferramentas, instrumentos, utensílios e ornamentos, com os quais um grupo humano busca facilitar sua sobrevivência, está ligada à escolha e utilização das matérias-primas disponíveis; ao desenvolvimento da técnica adequada de manufatura; às atividades envolvidas na exploração do ambiente e na adaptação ecológica; à utilidade e finalidade prática dos objetos e instrumentos produzidos.

Os objetos confeccionados pelas culturas indígenas não são considerados "arte" pelos seus produtores, estes vêem estes objetos apenas como instrumentos para o uso cotidiano ou ritual. Segundo Lagrou,

Nas sociedades indígenas os esforços criativos alcançam muitos domínios, pois o campo abrangido pela "arte" é amplo e se expressa de diferentes formas, das mais efêmeras pinturas corporais às duradouras edificações, incluindo artefatos de uso cotidiano e ritual, manifestações performáticas e musicais. Os artefatos e os grafismos, em particular, materializam redes de interação complexas, condensando

laços, ações, emoções, significados e sentidos (2005, p.70 *apud* VELTHEM 2010, p. 23).

Entre os Karajá podemos destacar a importância da música, dança, arte plumária, cestaria, cerâmica, tecelagem e a pintura corporal. A música é usada em ocasiões especiais, como nos rituais de guerra, de plantação, de colheita e nos ritos de iniciação; além de ser usada para contar histórias e, em alguns casos, lhes são atribuídos poderes mágicos que podem afetar a ordem cosmológica.

No Brasil indígena verificam-se pelo menos dois grandes estilos plumários. O primeiro congrega penas longas associadas a suportes rígidos que conferem um aspecto grandioso e monumental ao artefato. Neste grupo estão incluídos os Bororó, Karajá, Tapirapé, Kayapó, Tiryó, Aparai e Wai-Wai, entre outros. O segundo caracteriza-se por diminutas penas dispostas com requinte em suportes flexíveis de aspecto primoroso e delicado. Seus mais legítimos representantes são os Munduruku, os Urubu-Kaapor e outros grupos Tupi (DORTA e VELTHEM, 1982, p. 394).

Em suma, a arte indígena está totalmente relacionada com a vida cotidiana e com os rituais, esta faz com que cada grupo indígena se torne diferente de outro. Dentro da enorme diversidade de culturas indígenas no Brasil, é impossível estabelecer um padrão, ou fazer generalizações, pois cada povo tem seu próprio universo de concepções. Dito isso, é um grande equívoco fazer comparações simplistas entre a arte indígena de diferentes etnias

Referencial Teórico

O patrimônio cultural de um povo não está somente ligado a elementos da cultura material, mas também através de manifestações da cultura imaterial. A noção de cultura material pode ser aplicada a quase todas as produções humanas.

A cultura material indígena não diferente das outras é uma maneira daquele povo representar a sua singularidade, este é representado na arte plumária, nas pinturas corporais, na cerâmica, na música, na dança entre outros meios. Devido a colonização, a ação da catequese e a intensa miscigenação, atualmente apenas algumas poucas etnias indígenas sobreviveram e conseguem manter parte de sua cultura original.

A atual população indígena brasileira, segundo dados do Censo Demográfico realizado pelo IBGE em 2010, é de 896,9 mil indígenas. De acordo com a pesquisa, foram identificadas 305 etnias, das quais a maior é a Tikúna, com 6,8% da população indígena. Também foram reconhecidas 274 línguas. Dos indígenas com 5 anos ou mais de idade, 37,4% falavam uma língua indígena e 76,9% falavam português. (<http://www.brasil.gov.br/governo/2015/04/populacao-indigena-no-brasil-e-de-896-9-mil>)

Os objetos confeccionados pelas culturas indígenas não são considerados “arte” pelos seus produtores, estes vêem estes objetos apenas como instrumentos para o uso cotidiano ou ritual. Segundo Lagrou (2005, p.70 *apud* VELTHEM 2010, p.23),

Nas sociedades indígenas os esforços criativos alcançam muitos domínios, pois o campo abrangido pela “arte” é amplo e se expressa de diferentes formas, das mais efêmeras pinturas corporais às duradouras edificações, incluindo artefatos de uso cotidiano e ritual, manifestações performáticas e musicais. Os artefatos e os grafismos, em particular, materializam redes de interação complexas, condensando laços, ações, emoções, significados e sentidos.

A arte é uma categoria criada pelo o homem ocidental, e mesmo entre eles não há um consenso do que é, e do que não é arte, sendo assim este é um assunto complexo principalmente quando se fala em arte indígena, já que muitos defendem que o indígena simplesmente pratica o artesanato, já que este apenas reproduz padrões tradicionais sem criar nada novo.

A cultura material indígena é bastante rica, diversa e indiscutivelmente singular uma da outra, seja no estilo do trançado dos cestos, nos ingredientes para a pintura, ou no estilo da dança. Nota-se uma riqueza de detalhes que faz com que cada etnia transmita a sua essência através da sua cultura material. Toda essa produção material é vista pelos indígenas apenas como instrumentos de o uso rotineiro, cada objeto tem sua função, seja utilitário, ornamental ou ritualístico.

A etnia Karajá vive há séculos nas margens do rio Araguaia, nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso, estes mantêm alguns costumes tradicionais do grupo, como: língua nativa, as famosas bonecas de cerâmicas, rituais como o da Festa de Aruanã, enfeites plumários, artesanato e pinturas corporais características do grupo, como os dois círculos na face. A cultura material Karajá se desenvolve em diferentes categorias, sendo elas tecelagem, cerâmica, adornos plumários, entre outros. “As tribos dos cerrados têm uma nítida propensão para peças majestosas montadas em armações rígidas e sua característica principal é suntuosidade cenográfica” (RIBEIRO, 1986, p.55).

A arte plumária Karajá é bem elaborada e tem uma ligação direta com os rituais, porém, esta arte vem sendo reduzida em sua variedade, devido a dificuldade na captura das aves ou na quase extinção das mesmas, mas ainda permanecem alguns enfeites essenciais nos rituais, como o lori lori e o aheto que é bastante utilizado no ritual de iniciação dos meninos .

A cestaria na cultura Karajá é praticada por homens e mulheres, “apresenta motivos trançados inspirados na fauna, como partes do corpo dos animais (TAVEIRA, 1982, s/p).” Já a cerâmica é uma atividade exclusiva das mulheres, estas fazem utensílios para utilidade

doméstica, como potes e pratos; para fins ritualísticos; e até bonecas com temas mitológicos, que são artigos de grande interesse para turistas que visitam as aldeias Karajá, porém, essas bonecas não são meramente para fins lucrativos, elas portam significação cultural, comunicando os valores do grupo e ocupando a tarefa de ensinar as crianças os sentidos da cultura em que estão inseridos.

A cerâmica indígena mais conhecida atualmente no Brasil é a das oleiras Karajá, principalmente suas famosas "bonecas" ou litxokó, antigamente simples brinquedos de criança. Modeladas em barro cru representam, principalmente, a figura humana Karajá com seus atributos culturais típicos: a tatuagem de um círculo de baixo dos olhos, os brincos de rosetas de plumas, o bracelete masculino e a tanga de embira feminina. (RIBEIRO, 1989, s/p)

A pintura corporal Karajá tem como base os elementos da natureza, e a pele dos animais existentes na região em que estes habitam. Geralmente essas pinturas são feitas utilizando o sumo de jenipapo, urucum e fuligem de carvão. Podemos dizer que a marca étnica deste grupo são os dois círculos desenhados na face, logo abaixo dos olhos.

Metodologia

Para atingir os objetivos, será feita uma revisão teórica, bibliográfica e iconográfica do respectivo tema e, a partir disto, será construída uma análise.

Resultados e Discussões

A partir da conceituação de arte indígena, que envolve os artesanatos, vestimentas, ornamentos, armas etc. Não é o objeto deste plano de trabalho realizar uma mera listagem destas concepções de arte, mais sim analisar as especificidades e as diferentes noções de arte para as populações indígenas, especificado os povos de Goiás. Para tanto, partimos da afirmação de Lagrou sobre o fato de que os indígenas são

[...] povos que não partilham nossa noção de arte. Não somente não têm palavra ou conceito equivalente aos de arte e estética de nossa tradição ocidental, como parecem representar, no que fazem e valorizam, o pólo contrário do fazer e pensar do Ocidente neste campo. (2009, p. 9)

Nesse sentido, traçamos como objetivo principal deste estudo a compreensão das artes indígenas e os valores a elas agregados pelos seus criadores.

Estudar a arte indígena a partir das concepções teóricas da cultura material remetemos a pensar sobre o conceito de arte e cultura material indígena. O mais sensato, porém, seria falar em artes indígenas, considerando a diversidade de expressões materiais da cultura e de povos. Nesse sentido, é válido ressaltar que “o fazer artístico indígena não recai exclusivamente sobre os ornatos de penas e as máscaras; objetos de uso cotidiano podem

apresentar elaboração formal e estética que transcende seu desempenho funcional” (VAN VELTHEM, 2010, p. 59).

A arte indígena quase sempre tem a finalidade de ser utilizada como um artefato, é dotada de um significado mais prático, não apenas para ser visto e apreciado. A sensibilidade dos índios, assim como a capacidade de eles saberem e distinguirem o que é beleza, é bastante visível. Seus objetos decorados e entalhados, suas cerâmicas e cestarias, os ornamentos corporais, as pinturas, as músicas, as danças, os instrumentos musicais, todos eles têm funções específicas bem definidas.

Conclusão

A arte indígena está intimamente relacionada com a vida cotidiana e com os rituais, esta faz com que cada grupo indígena possa mostrar a sua singularidade. Dentro da enorme diversidade de culturas indígenas no Brasil, é impossível estabelecer um padrão, ou fazer generalizações, pois cada povo tem seu próprio universo de concepções e crenças. Não nos cabe aqui dizer o que é ou não é arte, mas sim mostrar a grande produção artística indígena existente em Goiás e o quanto esta é rica e diversificada, e mostrar também a dimensão do patrimônio cultural das sociedades indígenas, sendo eles material ou imaterial.

Referências

- LAGROU, E. *Arte Indígena: agência, alteridade e relação*, Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2009.
- RIBEIRO, D. *Suma Etnológica Brasileira III: arte índia*. Petrópolis: Vozes, 1987: 29- 64.
- GALLOIS, DominiqiTilkin (Org.). *Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas: Exemplos no Amapá e norte do Pará*. Iepé, 2006.
- LAGROU, E. *Arte Indígena: agência, alteridade e relação*. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2009.
- LAGROU, E. *Arte ou artefato? Agência e significado nas artes indígenas*. IN: Proa – Revista de Antropologia e Arte [on-line]. Ano 02, vol.01, n. 02, nov. 2010. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/proa/DebatesII/pdfs/elslagrou.pdf>, acesso em: 22/03/2016.
- MANUEL FERREIRA LIMA FILHO. *Karajá*. Goiânia, 1999. Instituto socioambiental | povos indígenas no brasil. Disponível em: <<http://www.arara.fr/BBTRIBOKARAJA.html>>. Acesso em: 30 mar. 2016.
- POLECK, Lydia (Org.). *Adornos e pintura corporal Karajá*. Goiânia, 1994

RIBEIRO, Berta G. *Arte Indígena, Linguagem Visual*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada: 1989.

RIBEIRO, Darcy. *Arte índia*. 1986. In Ribeiro, Darcy (editor), *Suma Etnológica Brasileira*, Vol. 3: Arte índia, p. 29-64. Vozes, Finep.

TORAL, André Amaral de. *Cosmologia e Sociedade Karajá*. Rio de Janeiro: 1992.

SILVA, Aracy Lopes. GRUPIONI, Luís Donizete Benzi. (Orgs.) *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus* / Brasília, MEC/MARI/UNESCO, 1995.

VIDAL, Lux. *Grafismo Indígena*. São Paulo: Studio Nobel 1992.

VELTHEM, Lucia Hussak Van. *Artes indígenas: notas sobre a lógica dos corpos e dos artefatos*. Textos escolhidos de cultura e arte populares. Rio de Janeiro, v.7, n.1, p. 55-66, 2010.